

RESENHA

SEDGWICK, Mark. *Contra o mundo moderno – o tradicionalismo e a história intelectual secreta do século XX*. Tradução de Diogo Rosas G. Belo Horizonte–Veneza: Âyiné, 2020.

Hernandez Eichenberger**

Mark Sedgwick apresenta em *Contra o mundo moderno* uma detalhada gênese e desenvolvimento do tradicionalismo. Ainda que o subtítulo soe a princípio exagerado, é fato que a história dessa tendência filosófica/movimento não é realmente bem conhecida (Routledge, 2000, p. 897). O livro tem atraído atenção, entre outras razões, justamente porque o tradicionalismo inspira algumas tendências da direita contemporânea.

O tradicionalismo é, antes de tudo, uma espécie de *Weltanschauung* que visa recuperar uma tradição de experiência mística e esotérica com o divino. Essa tradição é compreendida como perdida no decurso histórico do Ocidente – ou, como Sedgwick precisa, “Ocidente” é uma forma cifrada de se dirigir ao mundo moderno (Sedgwick, p. 62). Sua linhagem pode ser rastreada até Hermes Trismegisto na Antiguidade

e Marsilio Ficino na Renascença. Essencial é a ideia de “perennialismo”, isto é, que há uma tradição religiosa básica, eterna, primordial da qual descendem as demais religiões. Essa tradição pode ser vista no *Corpus Hermeticum* ou nos Vedas (o primeiro, inspiração para a formulação de Ficino, teve a datação modificada, não podendo ser mais tomado como uma fonte do perennialismo, mas sim derivada) (Sedgwick, p. 90). A retomada dessa tradição, portanto, é um dos objetivos dos tradicionalistas.

Além da ideia de perennialismo, os outros dois conceitos centrais do tradicionalismo são as ideias de “inversão” e “iniciação”. A noção de inversão pode ser identificada à de declínio ou decadência. Ela é operacionalizada como o conceito que descreve o curso do mundo moderno. Sedgwick não o diz, mas há no tradicionalismo papel central de uma filosofia da história vis-

**Professor do Instituto Federal Catarinense (IFSC) - Campus São Francisco do Sul. Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: jarivaway@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3463-4656>.

ceralmente antiprogressista: o sentido do mundo é declínio frente à tradição primordial esquecida. A iniciação, por sua vez, está ligada à entrada esotérica ou exotérica em uma tradição, tal como o batismo na Igreja Católica, cujo aspecto esotérico seria a possibilidade de alcançar a graça divina e o exotérico seria a entrada formal na comunidade cristã (p. 97). No caso, o tradicionalismo pensa a iniciação por meios esotéricos em certas tradições cujo elemento perene não se perdera. Um traço do tradicionalismo que vale ser ressaltado é a formação de uma elite intelectual encarregada de conservar doutrinas tradicionais e transmiti-las. Dado que o próprio Ocidente não teria conservado nenhuma doutrina que pudesse ser verdadeiramente vinculada ao perenialismo, essa elite devia se voltar à sabedoria do Oriente.

René Guénon é o personagem principal do livro, entendido como o formulador mais persuasivo de uma filosofia tradicionalista no século passado. Segundo Sedgwick, “Esse livro é a história das diversas tentativas, ao longo do restante do século XX, de colocar o projeto de Guénon em execução, de formar a sua elite e de restaurar a ‘civilização tradicional’ no Ocidente” (Sedgwick, p. 65). Do próprio Guénon é possível dizer que sua preocupação se voltava ao curso do Ocidente, cujo caos social, racionalismo exacerbado e individualismo extremo levavam ao perigo de sua própria ruína. A solução passava por

reestabelecer no Ocidente uma tradição a qual Guénon pensava ainda estar viva no Oriente, o que não se confunde em “orientalizar” o Ocidente. O próprio Sedgwick é econômico em referências teóricas, mas parece ser plausível ver na filosofia da história de Guénon muito daquilo que Karl Mannheim chamou tecnicamente de conservadorismo, a saber, um juízo valorativo acerca do mundo que haure seus critérios do passado (Mannheim, 1971, pp. 168-169), sobretudo pensado não em termos restritivamente políticos, mas sim como um “estilo de pensamento” que contempla múltiplas dimensões da experiência (Mannheim, 1971, pp. 135-136).

Boa parte do livro se volta a uma biografia de Guénon. Desde sua infância, passando por sua formação nos meios ocultistas da Paris da *belle époque*, seus primeiros escritos efetivamente tradicionalistas, em especial sua obra *La crise du monde moderne*, até sua experiência de iniciação na tradição do sufismo no Egito, a vertente mística do Islã. A história do tradicionalismo como que se estabiliza nesse tronco comum cujos galhos são altamente variados – as experiências místicas do suíço Schuon, a procura de uma tradição no Islã pelo iraniano Nasr, a afinidade fascista de Evola, o eurasianismo de Alexander Dugin. Em comum entre todos esses, há a condenação do mundo moderno, entendido como a perda do caráter de uma tradição espiritual consequente, e, a partir disso, a busca por reabilitar a

tradição. Responder onde e como essa tradição foi procurada e supostamente encontrada – nisso reside toda a diversidade interna do tradicionalismo.

O próprio Guénon buscou essa resposta no sufismo e em sua “conversão” ao islamismo. Na verdade, a bem dizer, não há propriamente conversão para um perenialista. Sedgwick enfatiza que a convicção filosófica de que as religiões tem uma base comum tradicional não permite que haja realmente uma preferência, senão fundada na conveniência: “Guénon manteve-se um Perenialista dedicado em suas crenças” (p. 147). O mesmo valeria para seu discípulo Schuon, que manteve a convicção “de que o Islã não era um fim em si mesmo, mas um meio, cujo fim seria a Filosofia Perene” (p. 172).

O livro como um todo se volta nos seus dois capítulos iniciais à descrição biográfica dos anos de formação de Guénon bem como de uma competente exposição de suas ideias. Na sequência, são mais 13 capítulos sobre os diferentes registros, apropriações e desdobramentos do tradicionalismo em suas mais variadas nuances, divididos em quatro grandes partes. Uma das suas principais tendências, e que ocupa uma boa parte do livro, é aquela delineada por Frithjof Schuon, fundador de uma ordem, a princípio, sufi no Ocidente. Essa ordem passou por uma série de alterações, a ponto de poder ser descrita ao fim como uma tentativa de criação de uma religião universal. A impor-

tância dessa vertente tradicionalista reside na sua difusão: entre 1950 a 1999 Schuon e seguidores publicaram aproximadamente 220 livros. A vertente de Schuon foi reconhecida também por incorporar outras tradições (a tradição indígena da América do Norte, por exemplo) e por alguns escândalos de origem sexual (Sedgwick, p. 315), lembrando bastante as típicas formas de organização sectárias.

Um problema que perpassa as distintas formas de apresentação do tradicionalismo diz respeito à sua fundamentação histórica, isto é, a reconstrução histórica que embasa a noção de que há alicerces na busca por uma tradição comum. A tese inicial de Guénon, rejeitada pela Sorbonne, foi uma análise do hinduísmo. Ao se voltar ao hinduísmo em vista da filosofia perene, Guénon teria sido excessivamente lasso em relação aos procedimentos metodológicos minimamente aceitáveis à análise comparativa das religiões (Sedgwick, p. 58), problema aliás no qual outros tradicionalistas, na ânsia de justificar a filosofia perene, irão recair. Ananda Coomaraswamy, importante e célebre curador de arte indiana no Museu de Belas Artes de Boston, após descobrir Guénon e corresponder-se com ele, aproximou-se do tradicionalismo. Houve uma fase em seu pensamento na qual buscou legitimar as teses tradicionalistas. *Hinduism and Buddhism*, obra desta fase, foi resenhada desfavoravelmente no *Harvard Journal of Asiatic Studies* por

buscar sujeitar budismo e hinduísmo a uma origem comum, ou seja, a tese básica do perenialismo (Sedgwick, p. 80). O mais bem sucedido acadêmico perenialista nesse sentido, cujas teses sempre foram “suavizadas” a fim de inibir esse tipo de crítica, foi o romeno Mircea Eliade: “O que Eliade fez ao longo de toda a sua carreira foi explorar o projeto padrão de pesquisa Tradicionalista de ‘reconstituir os escombros’ sob outro nome, empregando métodos mais acadêmicos” (Sedgwick, p. 210). Para tal, Eliade se valeu de uma terminologia alterada – ao invés de “tradição”, “religião arcaica” – a fim de fechar os flancos às críticas. Ao se voltar à importância de Guénon como fundador do tradicionalismo e elencar seus pontos fracos, Sedgwick lembra: “Guénon escreveu sobre o hinduísmo sem ter tido nenhum contato com o hinduísmo tal como vivido e praticado na Índia; do mesmo modo, escreveu sobre o Islã sem nenhum contato significativo com a tradição islâmica” (Sedgwick, p. 240). A impressão geral é que enquanto programa de pesquisa o tradicionalismo não apresentou substância historiográfica.

Um dos pontos mais interessantes diz respeito à incursão de tradicionalistas na política. Guénon mesmo era pouco afeito à política: sua busca poderia ser definida como, sobretudo, espiritual. Contudo, Evola, que manteve contato com Guénon, compreendeu que no fascismo italiano e alemão havia a promessa de uma tradição antimoderna a

ser retomada. O capítulo 5 do livro, cujo título é “Fascismo”, narra com detalhes as iniciativas de Evola a fim de fundar uma iniciativa especificamente tradicionalista no interior do fascismo (um movimento cujas fontes são, sabidamente, heteróclitas). Sedgwick considera que Evola, no geral, fracassou (p. 200) e conclui que “o Tradicionalismo não desempenhou um papel importante no fascismo italiano nem no nazismo alemão, a despeito dos esforços de Evola” (p. 203). Ainda que a conclusão de Sedgwick seja empiricamente bem justificada, a impressão é que havia espaço para a conclusão teórica de que há como um vínculo mais essencial do que o sugerido entre tradicionalismo e fascismo, algo que se oblitera na reconstituição um tanto chapada de Sedgwick.

Ainda sobre o aspecto político, um dos colaboradores de Guénon, a ponto de ser chamado de “mestre”, foi Pouvourville, ainda em seus anos de formação. Pouvourville foi importante para a formulação do diagnóstico da decadência do Ocidente, localizando essa ruína na “raça amarela” (em referência ao Japão). Mircea Eliade também foi muito próximo do partido político de extrema direita Legião do Arcanjo São Miguel, endossando a purificação da raça romana.

Talvez esse ponto político apresente o maior déficit teórico do livro. Ao tentar recontar a história do tradicionalismo como uma filosofia de con-

sequências múltiplas, Sedgwick parece conscientemente evitar teorizar mesmo quando confrontado com padrões que exigiriam um tratamento que implicasse em maior generalização e inferência. Segundo ele, “Nas circunstâncias das décadas de 1920, 1930 e 1940, o Tradicionalismo evoliano apontava na direção da direita política, o que o separava definitivamente do Tradicionalismo guénoniano, essencialmente apolítico” (Sedgwick, p. 510). A confirmação seria o esquerdista Henri Hartung que teria oferecido educação continuada de matriz tradicionalista a executivos (Sedgwick, p. 350). Arregimentasse Dugin, Evola, Eliade e se tem como contraevidência Hartung. A tese soa bastante precária aqui. Seria plausível notar que há uma “afinidade eletiva” entre tradicionalismo e direita política (Weber, 2004, p. 82-83). Ademais, como pensar que alguém que escreve algo como um livro diagnosticando a crise do mundo moderno poderia ser considerado como apolítico? Se não no campo das intenções conscientes, ao menos no âmbito das consequên-

cias potenciais, o tradicionalismo parece privilegiar tendências reacionárias.

Sobre os aspectos formais da edição da *Âyiné*: ela apresenta pequenas falhas de revisão (pp.104-105), algum problema de itálico (p. 300) e de aspas (p. 378). Contudo nada absolutamente grave. Curioso mesmo – e de gosto duvidoso – foi o trabalho gráfico da capa, no qual há parcialmente o parágrafo final do livro. Um índice remissivo e, sobretudo, onomástico (ausentes na edição original) seriam muito bem vindos dado a profusão de nomes.

A edição original do livro é de 2004 e no prefácio à edição alemã de 2019 Sedgwick escreve que o objeto do livro era então marginal, contudo agora o “domínio absoluto do consenso liberal-iluminista aparentemente acabou” (Sedgwick, p. 16). De fato, agora, muito mais que antes, *Contra o mundo moderno* se tornou um livro providencial e até mesmo incontornável para quem tem interesse em compreender as bases filosóficas de uma parte do pensamento da direita contemporânea.

Referências

- MANNHEIM, Karl. *Conservative Thought*. In: *From Karl Mannheim*. Org. WOLFF, Kurt. New York: Oxford University Press, 1971.
- ROUTLEDGE. *Concise Routledge Encyclopedia of Philosophy*. London–New York: Routledge, 2000.
- WEBER, Max. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

Recebido: 10/02/2021
Aprovado: 30/07/2021
Publicado: 31/08/2021

